

# **ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA SEÇÃO REGIONAL PARAÍBA**

**XIV ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA**  
João Pessoa-PB, 26 a 29 de julho de 2010

**A COMISSÃO ORGANIZADORA INFORMA QUE O SÍTIO ELETRÔNICO DO EVENTO ESTARÁ NO AR NO PRÓXIMO DIA 10 DE FEVEREIRO. NESSA OCASIÃO SERÁ ABERTO O PROCESSO DE INSCRIÇÕES DE TRABALHOS EM SIMPÓSIO TEMÁTICOS E TAMBÉM EM MINI-CURSOS.**

- **LISTA DE SIMPÓSIOS TEMÁTICOS**

No.	Titulação/ Nome do Coordenador/ Instituição	Título de Proposta	Resumo
1	Dra. Ana Carolina Eiras Coelho Soares (UFG)	<b>"Menina brinca de boneca", "Menino brinca de carrinho": História, educação, feminilidades e masculinidades</b>	A proposta deste simpósio é criar um espaço de discussão e debate sobre algumas temáticas centrais dos estudos de gênero, a partir do entendimento da importância da problemática da diversidade por onde perpassa a dimensão de gênero, tais como: geração, orientação sexual, classe social, pertencimento religioso, orientação política. Para tal é preciso analisar as narrativas e representações historicamente construídas sobre o ser feminino e o ser masculino, a fim de conhecer as estratégias e discursos que atuavam na constituição da sexualidade dos indivíduos em diversos tempos/espacos e entender os processos que integram a construção das identidades de gênero. Os estudos de gênero na História podem, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, auxiliar na compreensão de problemáticas e discussões atuais cujas heranças sócio-político-culturais devem ser investigadas.
2	Ms. Ana Paula Sobreira Bezerra (UFPE) e Drando. Glaudionor Gomes Barbosa (UFPE)	<b>História Social Inglesa: Sociedade, Política e Economia</b>	Em sintonia com o tema do evento, particularmente sua proposta de conectar História e memória, o presente Simpósio Temático propõe uma reflexão e um diálogo sobre as relações entre a História e as Teorias Sociais, destacando, essencialmente, de que modo, neste campo, historiadores, em contato com o trabalho de outros cientistas sociais, como sociólogos, geógrafos, antropólogos e economistas, têm pensado as temáticas relativas ao indivíduo, aos grandes grupos sociais e à sociedade no geral; ao sujeito, às estruturas, às permanências e às mudanças, nas diferentes temporalidades. Nesse sentido, todos os trabalhos, independente de recorte (temporal ou espacial) que se situem no campo da história social e econômica e que sustentem uma reflexão teórica sobre elas, são considerados apropriados ao presente ST. Serão particularmente bem vindos os trabalhos que tratem da História Social Inglesa e de outros autores do campo do marxismo renovado e crítico. No primeiro caso destacam-se Edward. P. Thompson, Christopher Hill e Eric Hobsbawm e, no segundo, Ellen Wood, Robert Brenner e Josep Fontana.
3	Drando. André Cabral (PPGH/UFMG)	<b>Evangelização e contraposições: as práticas religiosas durante o período colonial (séc. XVI a XVIII).</b>	Nos últimos anos, principalmente após a divulgação dos resultados do Projeto Resgate Barão do Rio Branco, os estudos do período colonial tomaram um novo fôlego na produção histórica acadêmica. Aliados a ascensão dos debates sobre a História das religiões promove-se uma revisão das análises das instituições e manifestações religiosas durante o período colonial. Tomando como ponto de partida estas revisões historiográficas, o presente Simpósio Temático procura abarcar as recentes pesquisas que abordem novos objetos de análise ou novas perspectivas de estudo sobre temas clássicos que estejam ligados à vida religiosa no período colonial. Os estudos das instituições religiosas, suas manifestações mais correntes, como o culto, festas, edificações e obras artísticas, devem ser atrelados às análises dos projetos periféricos que apesar de correrem à margem do projeto oficial católico, são igualmente importantes e representativos para a compreensão da complexidade religiosa que se instala no Brasil colônia. Através da reunião desta diversidade de trabalhos sobre a religiosidade colonial - seus projetos oficiais e suas reinvenções ou recusas dentro do seio desta sociedade - será possível compreender com um pouco mais de clareza a cultura histórica

			religiosa durante o período que vai do século XVI ao XVIII na então colônia brasileira.
4	Ms. Annie Larissa Garcia Neves Pontes (Universidade Potiguar)	<b>O homem e a morte: construções simbólicas</b>	Embora ligada ao cotidiano de qualquer ser humano, é fato que a morte gera um sentimento de angústia em toda sociedade ocidental, principalmente porque apenas o homem, dentre todos os seres vivos, tem consciência de sua finitude. A certeza de sua inevitabilidade remete à assimilação de um problema mais abstruso, que segue a preocupação humana desde o seu princípio: a partir da certeza de seu fim, o ser humano estabelece uma relação de conflitos com a morte. Tais conflitos ocorrem de acordo com as mais diversas alterações culturais, variando conforme a sociedade, os períodos históricos e as projeções religiosas. A certeza do fim e o enfrentamento da morte produzem inúmeras alterações culturais, existe um lugar de confluência entre as mais diversas sociedades no que se refere à certeza do fim de cada um de seus membros – a morte enquanto fim desencadeia transformações na construção do ser humano sobre ele próprio. Assim, a confrontação do homem com a morte acarreta o sentimento de pânico e temor que só vem a ser estabilizado a partir da atribuição de significações que remetam a uma continuidade, a um prolongamento da existência humana. Tais ordenações e significados se dão, portanto, no plano da cultura, cujos códigos estruturam e organizam a vida social. Ao longo da História as atitudes perante a morte e o moribundo foram sendo modificadas até a atitude atual. Assim, esse ST congregará trabalhos que versem sobre essa temática sob os mais diversos aspectos, configurando-se como um espaço de interlocução entre áreas afins e pesquisas.
5	Dr. Antonio Clarindo Barbosa de Souza (UFCG) e Dranda. Uelba Alexandre do Nascimento (UEPB)	<b>Cidade, Cultura e Sensibilidades</b>	Os estudos relacionados às cidades vêm sofrendo significativas mudanças nos últimos tempos devido à multiplicidade de tensões e sociabilidades que emergem na urbe. Os historiadores reconhecem que ela é tecida não só de uma trama político-econômica, mas fundamentalmente de um complexo cultural que marca seus fluxos e dinâmicas que tecem sua memória. O olhar sobre a cidade, e suas diversas faces, nos remete às várias experiências, quer sejam individuais ou coletivas, no âmbito das sensibilidades e sonoridades, quer sejam no cotidiano diurno ou noturno. Sob a perspectiva da História Sócio-Cultural, pretendemos reunir, neste simpósio temático, trabalhos que dialoguem com diversos documentos e que priorizem em suas investigações aspectos diferenciados das temáticas: cidade e cultura.
6	Ms. Benjamin Xavier de Paula (Universidade Federal dos Vales Do Jequitinhonha e Mucuri–UFVJM/ Universidade Federal de Uberlândia–UFU)	<b>História e Cultura Afro-Brasileira e a Contribuição das Populações de Matrizes Africanas no Brasil</b>	A proposta de Simpósio Temático tem como objetivo congrega trabalhos de pesquisas e resultados de projetos acadêmicos voltados ao estudo de temáticas sobre a História e Cultura dos povos africanos, e a contribuição histórico-cultural destes povos para a formação da identidade nacional. Nos países e populações de matrizes africanas (na África e na América), desde o processo de colonização até os nossos dias, várias foram às teorias e práticas sociais disseminadas no interior dessas sociedades a partir de uma referência branca/eurocentrista que buscava, e ainda busca, a negação do negro enquanto sujeito capaz de construir uma identidade própria. Assim, a sua identidade e alteridade vêm sendo constantemente negadas, e, em substituição, criados os mitos sobre essas

			populações, visando substituir a identidade pelo mito, a alteridade pela anexação subalterna, criando-se mecanismos ideológicos fundadores de fetiches que nada contribuem para a construção da identidade, do respeito e da dignidade do negro. Num primeiro momento, o processo de escravização dos negros africanos se deu em meio ao desenvolvimento do mercantilismo enquanto regime econômico e social que dinamizou as relações entre as potências européias tendo em vista a superação da crise vivida na transição do antigo regime feudal para uma nova ordem capitalista. No Brasil, a abolição da escravidão não significou um reconhecimento da contribuição cultural, social e histórico das populações de origem africana, mas sim, a perpetuação de um sistema de segregação racial que sustentado na prática da imigração européia e no campo teórico nas teorias eugênicas de Silvio Romero (1937) e Nina Rodrigues (1905) não permitiram ao negro a integração do negro a sociedade brasileira e o reconhecimento da sua contribuição histórico-cultural para a formação do nosso país. Outras teorias como a idéia de miscigenação, de mestiçagem e de democracia racial presentes no pensamento de Gilberto Freyre (1935) e Darcy Ribeiro (1980); a e defesa da integração do negro na sociedade de classes por Florestan Fernandes (1975) muito pouco contribuíram para a superação da condição subalterna em que o negro foi retratado ao longo da história da historiografia brasileira. Nesta perspectiva, surge nos dias atuais uma crescente demanda e oferta de trabalhos acadêmicos voltados para uma releitura do papel do negro na historiografia brasileira. E nesta direção, se assenta a proposta deste Simpósio Temático.
7	Ms. Carlos Adriano Ferreira de Lima (UEPB/UVA/UNAVIDA)	<b>Ver para Crer: reflexões sobre imagens e história</b>	O passado encontrou meios de divulgação que ultrapassam o fazer historiográfico. Podemos facilmente verificar tal assertiva pela quantidade de filmes, seriados televisivos, animações, vídeos on-line, romances, <i>blog's</i> , documentários e pinturas dedicadas ao mesmo. Dessa forma, a proposta deste Simpósio Temático é de estabelecer diálogos entre trabalhos e pesquisas sobre as imagens, cultura visual e mídia, enquanto produtores de saber histórico que, por esse motivo, não devem ser utilizadas pelo historiador como complementos de seus argumentos ou na categoria de curiosidade, e sim, enquanto experiências sociais de uma contemporaneidade efetivamente marcada pelo sentido do olhar.
8	Dr. Damião de Lima (UFPB) e Dr. Paulo Giovani Antonino Nunes (UFPB)	<b>O Incrível Século XX: arranjos e rearranjos ideológicos, sociais, políticos e econômicos em mundo efervescente.</b>	Esse simpósio objetiva discutir as mudanças que concorreram para a configuração do cenário de ebulição que marcou o século XX no Brasil e no mundo. Enfocaremos as modificações políticas, ideológicas, econômicas e sociais que possibilitaram a criação de um mundo incrível, se comparado com o estágio de desenvolvimento e de conhecimento, até o início do século em discussão. Discutiremos as mudanças oriundas dos processos de modernização, urbanização, industrialização e crises que levaram o mundo às guerras, bem como as configurações nos pós-guerras. Estenderemos a discussão ao novo cenário pós-guerra fria e os novos paradigmas advindos desse rearranjo conhecido como pós-modernidade.
9	Dr. Elio Chaves Flores (UFPB); Drando. José Luciano de Queiroz	<b>Cultura Histórica e Linguagens Historiográficas no Século 20</b>	A partir das matrizes culturais, o ST tem por objetivo discutir a cultura histórica e a cultura historiográfica no século 20; as linguagens historiográficas e os suportes

	Ayres (PPGH/UFPE) e Dra. Regina M. R. Behar (UFPB).		audiovisuais na historiografia contemporânea; as relações da cultura histórica com os saberes históricos e as narrativas historiográficas; as construções de memórias históricas e comemorações no século 20, considerando as diversas linguagens e as representações por elas engendradas em documentos orais e visuais como fotografias, filmes, músicas, entre outros. Visa também articular autores de pesquisas finalizadas e em andamento para a formalização de uma rede de grupos de pesquisa sobre as realidades e representações culturais do século 20.
10	Dra. Elisa Mariana Nóbrega e Dra. Joedna Reis de Meneses (UEPB)	<b>História Cultural e Sensibilidades</b>	O objetivo deste ST é reunir trabalhos que abordem temáticas relacionadas aos estudos historiográficos relacionados a História Cultural e ao tema das sensibilidades. Buscar-se-á destacar a importância destas temáticas para os historiadores na contemporaneidade. Os trabalhos poderão estar voltados para a diversidade que o campo da História Cultural e o tema das sensibilidades suscita como também para a própria discussão teórica do conhecimento histórico nos últimos anos.
11	Drando. Faustino Teatino Cavalcante Neto (PPGH/UFPE); Drando. Martinho Guedes dos Santos Neto (PPGH/UFPE) e Drando. Paulo Henrique Marques de Q. Guedes (PPGH/UFPE).	<b>Poder, Política e Cultura Política: teoria social, história e historiografia</b>	O ST "Poder, política e cultura política: teoria social, história e historiografia", propõe reunir pesquisadores cujos interesses temáticos e teóricos se articulem com a história do poder político. Trata-se de pensar abordagens acerca da natureza do poder político enquanto problema histórico, de modo a analisar o sistema de poder político como objeto recortado (mas de modo algum dissociado) de outros sistemas de poder (econômico, simbólico, dentre outros). Neste sentido, pensa-se o poder político na história como objeto de investigação, enquanto estratégia social corporificada nas práticas, comportamentos e normas de conduta que variam em sua natureza de acordo com diferentes espaços e temporalidades. Vale salientar que a chamada "nova história francesa" acentuou ainda mais a distância em relação à "historiografia tradicional", ao passo que ajudou a reabilitar, por outros caminhos, a história do poder e da política. Essa "nova História do poder" – resultado de certa reação à história estruturalista característica da segunda geração da Escola dos <i>Annales</i> , seja ela braudeliana ou marxista, começou por problematizar o conceito de política, sendo o resultado dessa redefinição uma ampla renovação temática voltada para entendimento do poder fora das instituições propriamente políticas, num movimento que vinculou o poder político ao cotidiano na análise historiográfica. Situando, portanto, a nossa proposta de ST no campo amplo da História do poder político, torna-se imprescindível proceder a uma discussão que destaque a importância da Teoria Social para este campo de estudos objetivando principalmente: entender como os atores sociais compreendem e vivenciam o poder político num dado contexto; as abordagens que privilegiam as dimensões simbólicas da política inserida no campo de estudos denominado de cultura política; as relações simbólicas ou não do poder em suas múltiplas faces e os atores sociais no exercício do poder.
12	Drando. Giscard Farias Agra (UFPB/PPGH-UFPE)	<b>A Historiografia Brasileira pós 1990 e a invenção dos lugares de "moderno" e "pós-moderno"</b>	Este simpósio temático busca congrega estudos que se debruçam sobre a produção historiográfica nacional pós 1990, especialmente aqueles que buscam problematizar a produção do saber histórico no Brasil a partir de sua dimensão teórica e metodológica, apontando para os procedimentos de sua construção, as regras que o possibilita e os referenciais teóricos que o sustenta a partir daquele

			<p>momento. Queremos discutir, sobremaneira, como o saber histórico produzido pelos historiadores brasileiros a partir da década de 90 do século passado parece se conduzir a partir de dois lugares distintos e opostos e, até certo ponto, irreconciliáveis, quais sejam: o do "historiador social" ou "moderno" e o do "historiador cultural" ou "pós-moderno". Dentre outras coisas, este simpósio busca também fomentar um espaço para apresentação e discussão de propostas teóricas e metodológicas que busquem pensar o fazer historiográfico para além e para quem destes dois lugares, que a nosso ver, ao invés de potencializar a produção do saber historiográfico o encerra a visões maniqueístas, simplórias e reducionistas.</p>
13	Dr. Josemir Camilo de Melo (UEPB/UFPG) e Dra. Juciene Ricarte Apolinário (UFPG).	<b>Ressignificações da História e da Historiografia Colonial a partir da Documentação da Coleção Barão do Rio Branco</b>	<p>O acervo documental da Coleção Resgate Barão do Rio Branco é riquíssimo. Só no caso da Paraíba são 3.523 documentos, que podem ser compulsados através do Catálogo de Manuscritos produzido pela UFPB. Estes documentos agora retornam aos lugares de onde foram gerados ou serviram como destinatários. Partimos da experiência de trabalhar com manuscritos coloniais na disciplina Paleografia e descobrimos um leque de temas que podem trazer novas leituras da História Colonial, bem como coonestar e/ou contestar a historiografia colonial a partir destes manuscritos. Arrolamos alguns itens que se destacam dentro das novas correntes de abordagens, como costumes, cotidiano, história cultural e a Nova História Política. Serão ricamente beneficiados a metodologia indiciária e estudos (análise) do discurso. A área de relações de gênero pode ser uma das mais enriquecidas com o montante de processos: suas lutas quando solteiras (sedução, estupro, rapto, luta em busca de direitos de propriedade, por seus bens quando viúvas e mais surpreendentemente, uma lauta surda e solidária, quando tomam a si como sujeitos da História. Temas como da História do 'trabalho forçado' africano e afro-brasileiro podem ter sua reescritura a partir não só do lugar do historiador, mas a partir dos processos polêmicos que nas entrelinhas guardam o cotidiano desta exploração de uma população inteira, seqüestrada e mantida presa para produzir para o colonialismo. O fantasmagórico, o imaginário, as mentalidades podem ser investigados. Temas inéditos como inconfidência, revoltas, desobediências civis, ou levantes de índios e negros em suas táticas quilombolas podem ser rastreadas. Outra importância é o rastreamento das grandes famílias locais cuja origem está na serventia real, troncos de famílias nordestinas, tanto as que se firmaram como dominantes. Como as que tiveram espaços, mas não se concretizaram no poder. Esperamos, assim, atrair estas novas leituras a partir de pesquisas direta ou indiretamente dos manuscritos da referida coleção, para contribuir com a reescritura da historiografia colonial.</p>
14	Ms. Kiara Maria de Almeida Vieira (UPB/UFPE) e Ms. Manuela Aguiar Araújo de Medeiros	<b>Comemorações e Memórias: as literaturas e as escritas historiográficas</b>	<p>As narrativas literárias têm tido um lugar de destaque na historiografia brasileira. Partindo desse pressuposto, este simpósio temático tem como objetivo dialogar com esta narrativa enquanto um trabalho de encenação da linguagem ou de deslocamento que o autor opera sobre a língua na produção de um espaço de memória social, rememoração e comemorações.</p>
15	Dra. Marinalva Vilar de Lima (UFPG) e Michelle Pereira de Souza Cordão	<b>Estudos Clássicos e Medievais</b>	<p>O presente simpósio objetiva reunir pesquisadores que vêm trabalhando com a antiguidade clássica e com o medievo a partir dos mais variados enfoques</p>

	(PPGH/UFCG)		temáticos e teórico-metodológicos. A idéia é que possamos abrir um espaço para interlocução entre estudiosos de temáticas referentes a dois universos históricos que vêm perdendo espaço no seio de algumas universidades brasileiras e que, a nosso ver, precisam receber uma maior atenção no campo da produção historiográfica.
16	Dr. Mozart Vergetti de Menezes (UFPB) e Dr. Ricardo Pinto de Medeiros (UFPE).	<b>Império colonial português na América: dinâmicas políticas, econômicas, territoriais e identitárias.</b>	Neste simpósio temático, a partir do entendimento da complexidade da dinâmica imperial portuguesa, pretende-se discutir a existência ou não da articulação entre a grande produção mercantil, voltada para a economia mundo, e as condições econômicas endógenas de produção e reprodução da vida na América Portuguesa. Neste sentido, sem fazer objeções aos balizamentos teóricos quanto à noção dos rumos da colonização da época moderna, serão acolhidas as pesquisas que se dediquem a investigar os vínculos político-administrativos que resultaram numa ampla cadeia hierárquica de distribuição de poder e prestígio no Império Português, bem como os trabalhos voltados ao exame das diferenças étnicas e identitárias que interferiram na configuração do território e nas formas de intervenção e negociação política. Além disso, são bem vindas as análises sobre a diversidade econômica e as relações de trabalho, cativa ou livre, desenvolvidas no interior da América portuguesa.
17	Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo (UEPB)	<b>História da Educação e do Ensino de História na Paraíba</b>	Este simpósio temático consiste em um espaço de discussão que congrega trabalhos, que tomando como aporte a História ensinada e a Educação na Paraíba discutam temas que se articulem em torno das questões dos saberes históricos e docentes, gênero, história e educação, formação de professor/a, educação para relações étnicas, cultura escolar, memórias de professor/a, livro didático e história das instituições de ensino.
18	Dr. Rodrigo Ceballos (UFCG) e Dr. Osmar Luiz da Silva Filho (UFCG).	<b>Nas Margens dos Impérios: a dinâmica colonial das Américas Portuguesa e Espanhola (séculos XVI-XVIII).</b>	Na arquitetura de poderes que emergiu no Antigo Regime, quais as relações de interdependência existentes entre o seu núcleo (a metrópole) e suas periferias (feitorias e colônias)? A dinâmica administrativa dos Impérios português e espanhol criou dispositivos legitimadores da emergência de uma capital e sua importância como centro das decisões políticas. Por sua vez, a conquista das Índias criou novos capitais simbólicos, novas formas de exercícios de espaços de poder. Se o centro possuiu dispositivos de intervenção sobre suas margens, estas também se mantiveram entrelaçadas às formas de poder do Império. Em um intrincado jogo em que ora se perdiam, ora se ganhavam vantagens e privilégios, os principais da terra – senhores de engenho ou <i>encomenderos</i> e comerciantes –, se envolveram, mesmo que indiretamente, nos mecanismos da malha administrativa dos Impérios ibéricos, sendo capazes de gerar e manter uma ordem, uma hierarquia de valores em que o rei foi sua figura principal. Nosso objetivo é elencar discussões que envolvam estudos das redes sociais, políticas e econômicas das Américas portuguesa e/ou espanhola dos séculos XVI ao XVIII. Conceitos como “autoridades negociadas”, “política de privilégios” e “economia do bem comum” (trabalhadas nesta década pela historiografia colonial brasileira) são importantes para a compreensão de um espaço cuja dinâmica está além da simples dicotomia entre “centro” e “margens”, “metrópole” e “colônia”. Interessam pesquisas que entendam as práticas comerciais e administrativas como micropoderes que se entrelaçaram ao centro por meio de redes clientelares. O

			monarca participou de toda uma mecânica equitativa de favores e deveres. Seus vassallos e as instituições locais também mantiveram uma dinâmica imperial que nos faz questionar até que ponto as diretrizes do centro constituíram, por si só, o sistema estamental em que se vivia. O estudo do Senado da Câmara (ou do Cabildo), da poupança social mantida por uma elite local (e seu controle administrativo), suas redes parentais ou o comércio (supra)local, são temas que permitem uma análise das redes de poder em que os Impérios ibéricos mantiveram-se. Entendemos que as conquistas portuguesas e/ou espanholas devem ser estudadas em sua diferença – numa diversidade dentro da unidade –, em que as dicotomias, disputas e conflitos locais não as corroeram, mas as sustentaram e as recriaram em sua própria dispersão e fragilidade.
19	Dranda. Rosemere Olímpio de Santana (UFF)	<b>A memória e o arquivo “quebrando” o(s) silêncio(s): mulheres na Paraíba – final do século XIX e início do século XX.</b>	Muito se tem analisado e discutido sobre os sujeitos que foram marginalizados ao longo do processo histórico e da historiografia brasileira, no entanto, atualmente inúmeros trabalhos são produzidos no intuito de quebrar os silêncios da História, principalmente a respeito das mulheres no Brasil. Muitos são os caminhos para esse objetivo, inclusive a diversidade teórico-metodológica. Neste GT propomos analisar os lugares instituídos e criados pelos memorialistas e pelos arquivos para as práticas femininas na Paraíba no final do século XIX e início do XX. Através dos livros de memória, bem como, dos artigos publicados em jornais da época, e dos documentos judiciais, é possível cartografar esse universo em que as mulheres estavam inseridas. É interessante enfatizar que esses memorialistas viveram em um período de grandes mudanças e escrevem a partir de seu tempo como é o caso de Horácio de Almeida e Maurílio Augusto de Almeida, ambos eram “historiadores amadores”. Temos, assim, obras que não foram escritas por historiadores, mas por homens que se diziam interessados pela história e pelas letras e que, sem dúvida, escreveram obras de grande importância e, a partir delas, imprimiram parte de seus pensamentos e valores. Já os jornais e processos judiciais também contribuem para constituírem uma memória, a partir de seus lugares de produção. Primeiro, por se tratar de uma documentação, cujo objetivo era informar e que, por isso, tinha um público-alvo a atingir. Assim, o jornal poderia ter um alcance considerável e direto para os que o liam. E era muito comum nestes jornais da Paraíba Imperial e início da República, a publicação de artigos que se referiam às mulheres, muitos fomentavam calorosos debates. Os arquivos judiciais também são lugares de memória judiciária, uma vez que, tais documentações também carregam consigo o seu lugar de produção. Mas, não só memória do judiciário, como também, dos sujeitos que estão nelas inseridos. Estes documentos contêm importantes informações sobre uma sociedade de determinada época. Tais documentos judiciais também instituem lugares para as práticas femininas, ao julgarem o comportamento correto para as mulheres deste período, ao mesmo tempo em que discutem práticas contrárias efetivadas por estas mulheres. De acordo com estas reflexões preliminares, pretendemos no nosso ST – a partir dos trabalhos inscritos – discutirmos as dificuldades relacionadas à documentação mencionada, bem como, os lugares que são construídos para as mulheres na Paraíba - final do Império e início da República.
20	Dra. Serioja Rodrigues Cordeiro	<b>Sociedade e Cultura no Século XIX:</b>	Este Simpósio Temático propõe reunir pesquisas que façam um balanço histórico



	Mariano (UFPB) e Jucieldo Ferreira Alexandra (PPGH/UFPB)	<b>o Nordeste em perspectiva.</b>	<p>e historiográfico do século XIX na região atualmente conhecida como Nordeste, considerando as especificidades da política, da sociedade e da cultura. Priorizando pesquisas que visem à síntese histórica, sugere-se abordagens que tratem dessas temáticas de modo a ressaltar o específico e o geral, o particular e a totalidade.</p> <p>Discutir questões políticas, sociais e culturais, que são relevantes para a compreensão do oitocentos é o objetivo desse Simpósio. Destacamos os movimentos de contestação política e as relações de conflito e negociação entre o localismo e o centralismo, elementos fundamentais para o entendimento da cultura política do período. Por outro lado, a historiografia, ao tratar das estruturas culturais, tem dado destaque para as relações estabelecidas por grupos familiares, história social da escravidão, práticas e saberes relacionados à história da saúde e da doença, festas e sociabilidades. Portanto, a nossa proposta é articular pesquisas em desenvolvimento e contribuir com o debate, a partir de trabalhos que envolvem a Iniciação Científica, monografias de conclusão de curso, dissertações e teses. Além disso, congregamos pesquisadores que vêm se dedicando a essas temáticas, embora o façam de modo isolado, pode favorecer discussões e oferecer caminhos e reflexões que ampliem o campo teórico-metodológico das pesquisas sobre o Nordeste e o Brasil no século XIX.</p>
21	Dra. Silvana Vieira de Souza (UFCG) e Dra. Alba Cleide Calado Wanderley (UFPB).	<b>Histórias e Memórias de Culturas Religiosas.</b>	<p>O objetivo deste ST é compartilhar estudos e pesquisas articuladas em torno das experiências e práticas culturais do campo da religiosidade sob a perspectiva do resgate de histórias e memórias. As pesquisas acadêmicas sobre a cultura e a religiosidade do povo brasileiro só recentemente têm ocupado lugar de destaque nas preocupações dos historiadores. Condição essa geradora da necessidade de aglutinar-se cada vez mais as compreensões que perpassam esse eixo de estudo. Compreendendo a religiosidade brasileira como plural e significativa de tradições distintas, nosso foco de discussão se volta para a necessidade de conhecer-se de forma mais sistemática os estudos que revelam a pluralidade de memórias e histórias representativas desse universo. Nossos estudos sobre essas temáticas e experiências do campo da religiosidade têm revelado a necessidade de aproximar o campo da historiografia com as discussões realizadas em áreas distintas como a antropologia, sociologia e etnografia. Áreas essas tradicionalmente responsáveis por noções e entendimentos afirmativos e valorativos do campo da cultura e das tradições religiosas. Assim, este espaço de diálogo se propõe como possibilidade de ampliar conhecimentos teórico-metodológicos em torno dessas temáticas.</p>
22	Dranda.Vanuza Souza Silva (UEPB; UVA; PPGH/UFPE)	<b>História e Violência: Outros sentidos do cotidiano</b>	<p>Este ST tem o principal objetivo de discutir os diferentes sentidos do conceito de violência na história e através dessa discussão criar outras questões para a história do cotidiano, das práticas dos sujeitos ordinários. Hoje é possível a história do medo, da lágrima, do amor, do corpo e nessa mesma caminhada desviante, este grupo de discussão quer pensar a história das violências no cotidiano, ao mesmo tempo pensar o cotidiano de práticas de violências, porque pensar essa relação significa trazer à luz do debate outras histórias de vidas, de memórias, histórias cortadas ou marcadas por fios de lembranças e silêncios que assim se fizeram nos embates, nos conflitos e quem sabe até nas batalhas que levaram a algum tipo de morte, a física, a da palavra ou a da moral. Trazer à luz</p>

			<p>da historiografia o debate sobre cotidiano e violência significa atualizar simultaneamente a história das disciplinas, a história dos poderes, das normas que iluminaram os que não quiseram ou não conseguiram seguir a linha da disciplina, e principalmente desnaturalizar o conceito de violência, como se a violência tivesse ocorrido ao longo dos séculos da mesma forma e com os mesmos sentidos. Cada sociedade significou e significa a violência de modo diferente. As sociedades antigas instituíram a violência como forma de vencer outras sociedades na guerra e nas batalhas. Nas sociedades medievais o cotidiano sanguinário se realizava em nome de um ritual divino, de sangue e dor. As sociedades modernas na luta contra o despotismo do rei instituíram o terror da liberdade, da revolução. Desse modo é necessário pensar o sentido semântico, os sentidos vários que o conceito de violência foi assumindo ao longo dos séculos para que possamos compreender o que nossas sociedades estão denominando de práticas de violências no cotidiano e práticas cotidianas de violência, em que estas acabam se tornando um espetáculo singular. A violência enquanto conceito tem uma história e como conceito ela serve a determinados interesses, este grupo pretende (re)pensar esta escritura de um conceito que acaba naturalizando lugares e sujeitos.</p>
23	Dra. Viviane Ceballos (UFCG) e Dranda. Ana Rita Uhle (Unicamp)	<b>História em narrativa – elaboração ou celebração de memórias urbanas?</b>	<p>A proposta do Simpósio Temático é reunir pesquisadores que abordem a relação entre a história e a memória em suas mais variadas possibilidades de investigação, tendo como espaço privilegiado a cidade. Pensar a relação entre memória e história é deparar-se com uma complexidade de entendimentos e de procedimentos que norteiam o trabalho do historiador para quem, assim como Proust, pensa que a vida é vagabunda e a nossa memória é sedentária, ou seja, a memória possibilita a construção de uma unidade dentro da complexidade e descontinuidade dos eventos que compõem a trajetória de cada indivíduo. Trajetórias que se confundem com o espaço urbano, uma vez que a cidade agrega diversas expressões de memória. É nessa variedade que reside a riqueza da pesquisa sobre o tema e que se espera contemplar nos debates promovidos neste simpósio. A história oral pode aparecer como uma espécie de fonte privilegiada para os trabalhos que estabeleçam a relação entre história e memória. No entanto, há outras dimensões da memória a serem trabalhadas pelo historiador que não passam, necessariamente, pela história de vida, ou mesmo pela narração de experiências diretamente ligadas à trajetória individual do passante da cidade. A memória pode ainda assumir uma dimensão oficial que aparece materializada em monumentos, museus, rituais cívicos que expressam projetos políticos divergentes e em constante processo de elaboração. O tombamento de centros históricos, o construir e derrubar edifícios, são formas de expressão e de construção mesmo da memória de uma cidade, de um bairro ou de uma instituição. Ao historiador fica o desafio de lidar com essa pluralidade de possibilidades inerentes ao seu <i>métier</i>. O fazer história, assim como o rememorar, pressupõe escolhas, recortes, que exprimem o olhar do pesquisador/narrador. Um olhar que não se pretende ingênuo ou isento de intencionalidades, mas marcado pelas trajetórias e pelas experiências vividas e compartilhadas na cidade.</p>

João Pessoa, 27 de janeiro de 2010..